

## Análise das relações saber/poder nas cartas entre Freud e Pfister.

Laelson M. Ribeiro Júnior<sup>1</sup>, Edvania Gomes da Silva<sup>2</sup>

1. Estudante de IC do curso de Psicologia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB; \*laelsonmrj@gmail.com

2. Pesquisadora do Depto.de Estudos Linguísticos e Literários, DELL, UESB/BA

Palavras Chave: Psicanálise, Religião, Saber-poder.

### Introdução

Michel Foucault (2002) defende que todo saber está, em alguma medida, relacionado a formas de poder, constituindo, portanto, uma relação saber/poder. Dessa forma, para Foucault, não é possível desvincular saber e poder. Partindo de tal concepção, defendemos, neste trabalho, que tanto o discurso psicanalítico quanto o discurso religioso funcionam como formas de saber-poder (um poder que se constitui por um saber que se possui), e objetivamos analisar, com base em alguns trabalhos de Foucault, como a psicanálise e a religião, pensadas como formas de poder-saber, se materializam nas correspondências trocadas por Sigmund Freud (considerado o pai da psicanálise) e Oskar Pfister (pastor protestante e primeiro analista não médico), entre os anos de 1909 e 1939.

### Resultados e Discussão

Em uma carta, datada de 17 de fevereiro de 1928, Freud escreve à Pfister dizendo:

[...]apesar de toda simpatia para com sua pessoa, e de todo o apreço pela sua atuação, também não posso aprovar suas entusiásticas análises breves e sua facilidade em aceitar novos membros e adeptos (FREUD; MENG, 2009, p. 156)

Em uma outra carta, escrita em 1 de abril de 1926, Pfister escreve a Freud relatando a reação da comunidade religiosa ante um artigo por ele mesmo escrito:

Eu tinha escrito um artigo, prevenindo contra a fé estúpida nos milagres, que elevava o faquir acima do nível humano. Ai caíram sobre mim, como se eu não tivesse apenas, como Lutero, atingido o Papa na barriga, mas como se tivesse empestado o Santo dos Santos (FREUD; MENG, 2009, p. 133-134)

Quando relacionamos os trechos em questão ao que Foucault (2007) chama de mecanismos internos de controle dos discursos, verificamos que tais trechos materializam a seletividade constitutiva desses mecanismos de controle. Na carta de Freud, vemos que, independentemente da “simpatia” que nutre por Pfister, Freud não aprova as atitudes do pastor, pois tais atitudes prejudicam o controle interno exercido pelo/no seletivo grupo daqueles que podem ser chamados de psicanalistas. Já, na carta de Pfister, verificamos o controle exercido por uma instituição religiosa, a qual se opõe ao pastor-psicanalista quando este critica o que chama de “fé estúpida dos milagres”. Verificamos, assim, que os mecanismos de controle investem de certo poder aqueles que fazem parte da ordem, enquanto destituem aqueles que estão fora dela, ou que, mesmo fazendo parte da ordem, não seguem suas “regras” de funcionamento.

Em um excerto de uma outra carta de Freud a Pfister, com data de 18 de janeiro de 1909, o pai da psicanálise escreve que:

costumamos censurar nossa psicanálise, meio na brincadeira mas no fundo também com seriedade, dizendo que ela necessita de uma situação normal

que permita seu uso, e que, organizada, as anormalidades da vida da alma lhe impõem uma barreira. *De modo que ela encontra suas melhores condições justamente onde dela não se necessita, isto é, nos são.* (FREUD; MENG, 2009, p. 23).

Em outra carta, escrita por Pfister e enviada a Freud, em 4 de fevereiro de 1930, encontramos o seguinte trecho:

descrevi (talvez como primeiro) a *ética*, no meu texto sobre psicanálise e visão de mundo, *como providencia higiênica*. Não apenas a concebo apenas como tentativa terapêutica, mas também como profilaxia (FREUD; MENG, 2009, p. 170).

Os trechos acima permitem-nos analisar, com base em Foucault (1988), a psicanálise como estando inscrita numa ordem de biopoder. Nesse sentido, a psicanálise funciona como uma forma de se exercer um poder sobre a população, pois caberia à ela a predição e predefinição de comportamentos através de laudos, de avaliações, de pareceres e de relatórios. Trata-se, portanto, de um controle da vida que se dá a partir de um certo saber. A psicanálise é concebida, nessa perspectiva, como uma forma de exercício do biopoder, o qual, segundo Foucault (1989), age sobre a população, buscando gerir a vida dos sujeitos. Da mesma forma, vemos, na carta de Pfister, a ética psicanalítica como uma espécie de “profilaxia”. Ou seja, trata-se de uma ética responsável por medidas preventivas para a saúde da população, funcionando, portanto, como uma forma de higiene social. Essa mesma higiene social funciona a fim de garantir um controle sobre a vida, e todos os seus processos, mostrando como se deve viver, o que, mais uma vez, remete ao conceito de biopoder, conforme definido por Foucault (1988).

### Conclusões

A problemática do poder permeia todas as relações sociais, seja na busca por um saber, ou no modo efetivo que “escolhemos” para viver. Quando observamos discursos instituídos, verificamos que existe um jogo de relações, operado por essas instituições e pelos sujeitos que delas fazem parte. Tal jogo possibilita ao(s) sujeito(s) se inscreverem em certos discursos e não em outros.

### Agradecimentos

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, pela bolsa de Iniciação Científica.

FOUCAULT, M. **A história da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FOUCAULT, M. **A verdade e as formas jurídicas**. 3ª. ed. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2002.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. 15ª. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

FREUD, E. L.; MENG, H. (org.) **Cartas entre Freud & Pfister [1909-1939]**. 3ª. ed. Viçosa: Ultimato, 2009.